

## José Veríssimo e o instinto de americanidade da literatura brasileira<sup>\*</sup>

Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo<sup>1</sup> (UNESP/CNPq)

### **Resumo:**

*Esta comunicação faz parte de um projeto maior que venho desenvolvendo sobre o instinto de americanidade, sentimento de pertença e exaltação ao continente americano nos textos dos críticos brasileiros do século XIX. Tendo já abordado a americanidade, numa etapa anterior, da forma como se expressa nos textos dos críticos românticos, pretendo analisá-la como se expressa em textos dos críticos da geração de 70 do século XIX, formada por Sílvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo, Capistrano de Abreu, Manoel Bonfim, dentre outros. Neles, a americanidade apresenta-se não mais no sentido de apenas estar na América, mas como busca da unidade pan-americana. Nesta comunicação serão analisados, particularmente, textos do crítico José Veríssimo.*

**Palavras-chave:** Crítica brasileira, Instinto de americanidade, Geração de 70, Século XIX, José Veríssimo.

Este texto faz parte de um projeto maior intitulado “A crítica literária brasileira do século XIX e o instinto de americanidade da literatura brasileira”. Num primeiro momento, abordei a presença do americanismo, instinto de americanidade, como costume chamar, tal qual aparece nos textos dos escritores e críticos brasileiros românticos na acepção de sentimento de pertença e de exaltação ao continente americano da forma como se expressou nas antigas colônias européias que começavam a adquirir sua autonomia e independência, ganhando o “status” político de nações. Neste sentido, o americanismo constituiu um alicerce fundamental para a construção da identidade literária das diversas nações emergentes do continente americano, ou seja, antes de iniciar qualquer discussão em torno da identidade nacional, os habitantes da América desenvolveram um sentimento nativista, apego à terra em que nasceram e viveram, traduzido em instinto de americanidade.

Entre nós, conforme observou Machado de Assis (1839-1908), “a vida brasileira e a natureza americana” como “farto manancial de inspiração” para a construção de uma fisionomia própria ao pensamento nacional” (Assis, 1962, p. 801) conduziram os escritores românticos ao resgate das ainda incipientes representações da brasilidade e/ou americanidade nos textos dos tempos coloniais. Daí a recorrência à representação da natureza americana, do autóctone e da heroicização de personagens relacionados à história antiga ou recente da jovem nação que povoa tanto as narrativas de José de Alencar, quanto a poesia de Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves, Sousândrade e do próprio Machado de Assis, se pensarmos no livro de poemas *Americanas*. Vale lembrar que o termo poesia americana foi cunhado como um tipo particular de poesia pelo romântico Gonçalves Dias.

Na segunda metade do século XIX, por volta dos anos 70, surgiu uma nova geração de críticos e escritores, formada por Sílvio Romero (1851-1914), Araripe Júnior (1848-1911), Rocha Lima (1855-1878), Capistrano de Abreu (1853-1927), Adolfo Caminha (1867-1897), José Veríssimo (1857-1916), João Ribeiro (1860-1934), Eduardo Prado (1860-1901), Joaquim Nabuco (1849-1910), Oliveira Lima (1867-1928), Manuel Bomfim (1868-1932), dentre outros. Esta nova geração, marcada pelo Cientificismo, Evolucionismo, Positivismo, Realismo, Naturalismo, Simbolismo, Realismo, Decadentismo e Impressionismo, modificou o panorama das idéias românticas da geração anterior.

---

<sup>\*</sup> Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “A geração de 70 do século XIX e o instinto de americanidade da literatura brasileira”, que vem sendo desenvolvido com o apoio do CNPq.

Ao lado da repercussão dos “ismos” advindos do Velho Mundo, a mudança do regime monárquico para o republicano contribuiu para a entrada da nação brasileira na modernidade. Conseqüência destas mudanças, observa-se que o instinto de americanidade emergente dos textos críticos operou uma alteração semântica, passando a expressar, além do “sentimento de pertença à América” (BERNDT e CAMPOS, 1995, p. 5), traduzido na exaltação do continente americano através do culto da natureza virgem e grandiosa, não necessariamente exótica em oposição à natureza européia (...) e o culto dos heróis (LOPES, 1997, p. 283), preocupações como o insulamento da nação brasileira em relação às demais nações do continente americano, o pan-americanismo e a doutrina de Monroe, na verdade, promulgada nos Estados Unidos em 1823, mas cujo debate na Imprensa brasileira somente repercutiu nos textos desta nova geração muito em função do expansionismo norte-americano vindo à tona nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX.

Tendo já focalizado o americanismo na obra crítica de Araripe Júnior, neste texto, pretendo abordá-lo na obra do crítico José Veríssimo, que iniciou sua carreira, em Belém, na antiga província do Pará.

Em *A tradição do impasse* (1974), estudo de maior fôlego sobre o discurso crítico de José Veríssimo, João Alexandre Barbosa (1937-2006) observou a existência de três momentos no exercício crítico do autor paraense: a experiência provinciana que se estendeu de 1878 a 1890, quando se inicia a segunda fase marcada pela sua transferência para o Rio de Janeiro e sua afirmação como professor, crítico regular de jornais e revistas, estudioso de literatura, etnologia e história, bem como editor da *Revista Brasileira*, 3ª fase (1895-1889) e, finalmente, o momento de maturidade (1900-1916), em que reuniu seus textos em livros e escreveu a *História da literatura brasileira*, publicada em 1916, ano de sua morte. Nesta fase, a obra de Veríssimo “vai refletir a dualidade que a sustenta basicamente: a aspiração por uma especificidade da crítica literária e o intuito de uma participação, enquanto homem de letras na vida nacional”. (BARBOSA, 1977, p. XXXII)

No conjunto de sua obra crítica, há vários textos que apresentam reflexões sobre questões relacionadas à América. Já na segunda fase, no livro *A educação nacional* (1890), há um capítulo, cujo objetivo “é estabelecer o modo pelo qual o conhecimento das instituições educacionais norte-americanas pode ser utilizado para o caso brasileiro sem que, no entanto, se caia numa imitação servil” (BARBOSA, 1986, p. 7), conforme assinala João Alexandre Barbosa no texto “A vertente latino-americana”, que serve de apresentação à coletânea de artigos e ensaios de José Veríssimo, por ele organizada e publicada em 1986, com o título *Cultura, literatura e política na América Latina*.

Ainda em *A educação nacional*, Barbosa chama a atenção para o caráter premonitório de algumas observações de José Veríssimo. Logo no primeiro parágrafo do capítulo a que antes me referi, Veríssimo observa: “Muito é o que havemos a aprender e mesmo a imitar dos Estados Unidos, mas que isto nos não induza a pormo-nos simplesmente a copiá-los.” (VERÍSSIMO, 1906, p. 175)

Isto nos fornece índices de que José Veríssimo já percebia o risco do Brasil republicano vir a imitar o modelo norte-americano, conforme João Alexandre Barbosa havia pontuado ao destacar a afirmação do escritor paraense de que: “atualmente sente-se já que é a grande república norte-americana que nos irá servir de modelo.” (VERÍSSIMO, 1906. p. 176).

A esta afirmação se acrescenta o desabafo que vem logo em seguida:

Eu, confesso, não tenho pela desmarcada e apregoadíssima civilização americana senão uma medíocre inveja. E no fundo do meu coração de brasileiro alguma coisa há que desdenha daquela nação tão excessivamente prática, tão colossalmente egoísta e tão eminentemente, perdoem-me a expressão, strugforlifista (de *struggle*-

*for-life*. N. do Ed.) Essa civilização sobretudo material, comercial, arrogante e reclamista, não a nego grande; **admiro-a, mas não a estimo**. Esse país novo, onde há fortunas que fazem fantásticas as lendárias riquezas dos nababos, quando o proletariado, com as suas justas reivindicações, já se lobra através de uma grandeza desmedida, ofende a minha simplicidade de matuto chão e honesto. Essa política cruel que veda a um povo a entrada do país, persegue-o e lincha-o; que massacra toda uma raça, que tem uma habilidade especial para adestrar cães contra outra e que, de Bíblia na mão, discute, justifica, aplaude e exalta a escravidão, fere de frente a idéia que da equidade e da justiça tenho. (VERÍSSIMO, 1906. p.177).

Vale lembrar que tudo isto foi escrito em 1890, antes de *A ilusão americana*, de Eduardo Prado, e de *Ariel*, de José Enrique Rodó. Por isso, o crítico Astrojildo Pereira, anos mais tarde, irá escrever o ensaio “José Veríssimo sem ilusão americana”, publicado em 1963, no livro *Crítica impura: autores e problemas*.

A coletânea de textos sobre América Latina de José Veríssimo, organizada por João Alexandre Barbosa, é valiosa e contém textos da fase madura do crítico, publicados inicialmente no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e, posteriormente, editados nas três séries de *Homens e coisas estrangeiras* (1902-1910) e *n’O Imparcial: Diário ilustrado do Rio de Janeiro*, entre 1912 e 1914.

Os textos reunidos em três blocos – Cultura, Literatura e Política – expressam a falta de comunicação entre as nações recém-independentes do continente americano e a necessidade premente de conhecimento recíproco de suas literaturas e culturas.

Os blocos político e cultural registram a postura de Veríssimo em relação à publicação no Brasil de obras que apresentam interpretações abrangentes da América Latina: *A América Latina: males de origem* (1905), de Manoel Bomfim, *A América Latina* (análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim) (1906), de Sílvio Romero, *Pan-americanismo* (1906), de Artur Orlando, *Pan-americanismo* (1907, de Oliveira Lima, textos de Joaquim Nabuco, entre eles, *Balmaceda* (1895).

Os textos que constituem o bloco literário funcionam como veículos de divulgação das literaturas hispano-americanas para os leitores brasileiros. Neste bloco, encontram-se textos sobre as literaturas: argentina, uruguaia, paraguaia e venezuelana.

No bloco cultural, persiste certamente a preocupação com o literário em alguns textos, o que justifica a observação de João Alexandre Barbosa:

(...) os artigos escritos por José Veríssimo fazem dele um homem de seu tempo, com a vantagem para a literatura de, à diferença dos demais, buscar incluir na reflexão sobre a América Latina a criação literária e não somente os trabalhos de ordem mais amplamente cultural ou mais estritamente política, de que também dá conta. (BARBOSA, 1986. p.11).

Devido ao breve espaço de tempo de uma comunicação, selecionei apenas alguns desses textos que, em seguida, passarei a comentar.

Iniciando com “A regeneração da América”, direi que meio cético e com uma lucidez que nos confunde e nos leva a pensar que o texto tivesse sido escrito hoje, pois, de lá para cá, infelizmente, muito pouco mudou no contexto sócio-político da América Latina, José Veríssimo declara não acreditar na existência de “um movimento de opinião” nos países latino-americanos, porque não crê que haja “uma *opinião pública*”<sup>†</sup> nessa fração da América”. Diz ele:

Afora os caudilhos político-militares, os ditadores, os tiranos e tiranetes, todos mais ou menos “salvadores da pátria” – que é o produto mais copioso e mais genuinamente americano que temos – uma insignificante minoria intelectual, e sem ne-

---

<sup>†</sup> Grifo de José Veríssimo.

nhuma importância ou influência prática ou moral, em cada um dos países latino-americanos, e, se quiserem, o funcionalismo público, vasto, miserável, espécie de casta neutra, amorfa e sem vontade, enfeudada aos partidos ou aos caudilhos, que há mais nesses países que se possa chamar povo, capaz de ter uma opinião e de publicá-la? De parte o estrangeiro, apenas preocupado em que haja a ordem material indispensável a sua exploração industrial, quaisquer que sejam os meios por que essa ordem se obtenha, e seguros da proteção dos seus governos, e as três classes citadas (as classes armadas entram na dos funcionários), o que fica é aquilo que a oligarquia chilena chama com menosprezo *rotos*. Os *rotos* formam verdadeiramente o imenso fundo das populações latino-americanas, em toda a parte na maioria analfabetas, miseráveis, apesar da tão apregoada riqueza dos nossos países, ainda de fato fetichistas, (...). (Veríssimo, 2003. p.245).

Ao longo do texto, comenta sobre dois livros: *Peligros americanos*, do sociólogo argentino A. Rodriguez del Busto, professor da Universidade de Córdoba; e *Ariel*, definido como “brilhante fantasia”, de um “artista e crítico, o sr. José Enrique Rodó” (2003. p.246), professor de literatura na Universidade de Montevidéu. Ambos refletem o ideal americanista, de acordo com a tendência pan-americanista da passagem do século XIX para o XX.

Rodó é apresentado por Veríssimo aos leitores brasileiros como “um dos jovens críticos mais notáveis da América Latina”, endossando as palavras do espanhol Leopoldo Alas, no periódico *Clarín*.

*Ariel* (1900) é visto como “mais um sintoma do despertar do sentimento latino, ou antes do sentimento espanhol na porção ibérica da América” (2003. p.251) e o livro definido como:

(...) um discurso filosófico à maneira do século XVIII, antes mesmo, à maneira dos gregos e dos seus imitadores latinos e por último à maneira dos diálogos e outras semelhantes peças de Renan, que entre os muitos mestres intelectuais do autor ocupa porventura o primeiro e mais distinto lugar, na sua mente e no seu coração. (2003. p.250-251).

Veríssimo via o ódio dos hispano-americanos aos norte-americanos, por ocasião da guerra hispano-cubana e da intervenção norte-americana, em 1898, de uma perspectiva diversa da que transparece tanto em *Peligros americanos*, de Bustos, quanto em *Ariel*, de Rodó.

O livro do primeiro é visto como polêmico, mas generoso. Reconhece o autor como “confessadamente um pacífico”, pois

(...) as divergências, os conflitos, as malquerenças entre as nações ibero-americanas, como ele prefere chamar, em vez de latino-americanos o afligem, e vê nos maus sentimentos que as separam, e nos fatos que estabelecem entre eles concorrências hostis, um perigo. (2003. p.247).

Além disso, Bustos enxerga nos Estados Unidos da América do Norte um outro perigo para “as nações da sua raça na América, e portanto para a mesma raça” (2003. p.247). Não resta dúvida para ele que “a nação anglo-saxônica do Norte tenha não só o desejo, a ambição, mas ainda o plano de assenhorear-se dos países ibero-americanos”. (2003. p.247).

Em Rodó, o espírito alado de *Ariel*, sempre mais leve, agrada mais ao crítico brasileiro, cuja postura na verdade sempre foi marcada pelo ceticismo e o grão de ironia, conforme definiu João Alexandre Barbosa.

Para Veríssimo, dos povos latino-americanos, os mexicanos e os brasileiros foram os únicos que não estiveram contra os norte-americanos. Ambos “mostraram” “uma neutralidade simpática pelos Estados Unidos” (2003. p.252): os mexicanos mais do que os brasileiros, pela dependência econômica e pela política mais estreita que de fato tinham com os anglo-americanos.

Os brasileiros, por sua vez, vistos pelos demais hispano-americanos, com uma certa desconfiança, alimentavam como “em nenhum outro país da América Latina”, segundo Veríssimo, “o que um vigoroso publicista nosso chamou tão apropriadamente *a ilusão americana*”<sup>‡</sup>. (2003. p.252).

Para Veríssimo, “Ariel representa para o poeta uruguaio, no simbolismo da obra de Shakespeare, a parte nobre e alada do espírito” (2003. p.253), observando que:

A crítica arguta, fina, e mesmo simpática e admirativa que ele faz aos Estados Unidos é a contraprova de tudo o que ele dirá da raça espanhola ou latina. Não há em todo este opúsculo – obra de arte ao serviço de um nobre ideal social, positivo e prático, não descendo jamais da serena e luminosa atmosfera da arte – uma só frase, uma só palavra que nos diga expressamente o intuito com que a escreveu o autor. Mas ele todo o diz. (2003. p.257).

Por conta disso é que se percebe uma afinidade maior de Veríssimo com Rodó, pois as palavras de Ariel inspiram fé, alegria, amor e esperança de dias melhores no futuro, já que o presente da América parece lóbrego e incerto.

Em “O Sr. García Merou e o Brasil intelectual”, publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, do dia 12 de novembro de 1900, com o título “*O Brasil intelectual*”, José Veríssimo aponta a total ignorância em que viviam as nações americanas, uma em relação às outras. Contudo, não as condena por isto, porque:

Nada tínhamos a aprender umas de outras, senão maus exemplos de vida pública. A cultura em todas era rudimentar; a inteligência em todas somenos; a produção espiritual em todas de segunda ordem e de segunda mão. De nenhuma haveria a aprender ou a receber nada. Os seus mais altos espíritos apenas se aproximariam dos bons de cultura européia. Idéias, concepções de vida, sensações, princípios, noções, emoções, sentimentos, tudo nelas de fundo e de forma, era de empréstimo, de imitação, tudo era reflexo.” (VERÍSSIMO, 1977. p.114).

Por estes motivos, acha artificial e fictícia a criação de um interesse americano, que não existe. Lúcido, considera o problema de uma consciência americana, de uma internacionalidade americana eminentemente econômica: “Depende inteiramente do estabelecimento de relações industriais entre os países americanos, e de comunicações fáceis, cômodas e freqüentes entre eles.” (1977. p.115).

Não sendo pessimista, projeta para o futuro a concretização da consciência americana:

A Europa, é a minha convicção, manterá ainda por longuíssimos séculos, se não para sempre, a sua supremacia espiritual, mas dentro de dois ou três séculos a América, ou, pelo menos, alguns países da América, competirão com ela na disseminação da cultura. (1977. p.115).

No entanto, a proximidade geográfica fazia com que, dentre as nações americanas, o Brasil e a Argentina mantivessem relações mais estreitas e mais cordiais. Razão porque José Veríssimo explica o interesse de Martín García Merou em estudar “com tanta inteligência e simpatia” a vida intelectual brasileira, uma vez que ele próprio reconhece que das literaturas sul-americanas a brasileira é a menos conhecida dos argentinos.

Na verdade, até a publicação de *El Brasil Intelectual*, o leitor argentino, segundo Martín García Merou, conhecia apenas uma análise de Juan Maria Gutiérrez sobre a *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, “alguns juízos literários de Ernesto Quesada”, “a soberba descrição de um trecho na natureza fluminense que enquadra uma das belas cenas do *Fruto Proibido*, de Groussac” e as “páginas ligeiras” que lhe dedicou Sarmiento nas suas *Viagens*.” (1977. p. 116).

---

<sup>‡</sup> Grifo de José Veríssimo.

Do ponto de vista de José Veríssimo, *El Brasil Intelectual* veio dar melhores condições para o leitor argentino avaliar a literatura brasileira, e como no Brasil não existisse nada equivalente sobre a literatura argentina, recomendou aos brasileiros a leitura de livros como *Juan Baptista Alberdi, Libros y autores, Recuerdos literários, Confidencias literárias* e o *Ensayo sobre Echeverría*, de Martín García Merou, o perfil literário de Merou, de autoria de Araripe Júnior e os artigos do Visconde de Taunay, publicados na *Revista Brasileira*.

O fato do argentino ter-se detido mais nos críticos e nos escritores de cunho social e político do que nos poetas e romancistas explicava-se, segundo José Veríssimo, pelo objetivo do crítico de querer conhecer o nosso pensamento social. O discurso crítico facilitava a tarefa de fazer emergir a imagem da intelectualidade brasileira: “Não que ele não dê sempre ao literato o primeiro lugar; o que ele aprecia e admira, com gabos generosos, nos citados, é o escritor, o homem de letras, o intelectual.” (1977. p.119).

Ao fazer, por exemplo, o estudo particularizado da obra de Sílvio Romero, Martín García Merou acabou realizando o estudo da nossa atualidade intelectual.

“*Letras argentinas*”, publicado, pela primeira vez, em 11 de março de 1907, com o título “*Livros argentinos*”, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, constitui-se de resenhas de dois livros de César Duayen, *Stella e Mecha Iturbe; Almanativa*, de Martiniano Leguizamón; e o tomo IV dos *Anales de la Biblioteca*, de Paul Groussac. Nele, porém, José Veríssimo procurou introduzir, mais uma vez, o leitor brasileiro no universo da literatura argentina e, por conta disso, voltou a recomendar, na falta de uma história sistemática da literatura argentina, a leitura de alguns livros de Martín García Merou que constituíam “o melhor guia para termos uma idéia da vida espiritual argentina, particularmente da sua feição literária, na segunda metade do século XIX, que é também o período dela que mais nos pode interessar.” (Veríssimo, 1986. p.85).

Alertou o leitor para a benevolência do crítico argentino para com esta literatura, ao mesmo tempo em que justificou esse modo de ver, por se tratar de:

(...) uma literatura ainda incipiente, intermitente de avanços e recuos, heterogênea e feita um pouco artificialmente e de debandada, mais em jornais e efêmeras revistas, em folhetos, em tertúlias, em círculos ou sociedades de letras, do que em livros e principalmente do que em obras. (1986. p.86).

Esta, aliás, é a grande falha, segundo ele, das literaturas latino-americanas de um modo geral: “(...) a falta de obra, que não é a mesma coisa que o livro, do escritor, que não é a mesma coisa que o autor.” (1986. p.86).

Ao longo do texto, mostra que as literaturas latino-americanas, de língua espanhola ou portuguesa, apresentam as mesmas características e os mesmos defeitos, por isso pode até considerá-las como uma única literatura: uma literatura de imitação, como a sociedade que ela reproduz.

No caso argentino, a sociedade colonial se constitui de fato no século XVII e as primeiras manifestações intelectuais datam do final do século XVIII. Como as demais literaturas latino-americanas, ela se inicia com a poesia e, quando a prosa começa a concorrer com a poesia, o jornalismo começa a ter um papel relevante na vida literária argentina, adquirindo mesmo maior importância do que o livro.

Depreende-se daí que, se por um lado isto poderia explicar a relativa inferioridade da literatura argentina, por outro parece ter fomentado a existência de um grande número de revistas, magazines e ilustrações e, com isso, um grande avanço nas artes gráficas, que levou os argentinos a alcançarem, segundo José Veríssimo, uma perfeição jamais atingida pela imprensa brasileira: “O livro argentino tem sempre o aspecto de um livro, o nosso, salvo algum impresso no estrangeiro,

tem por via de regra o feitio de um relatório, como os faz a nossa Tipografia Nacional.” (1986. p.89).

E, com muita argúcia, revelando inclusive certa consciência da modernidade, registra:

Ora, como modernamente nenhum produto industrial, e a obra literária é um deles, dispensa a apresentação dos seus aspectos exteriores, leva a literatura argentina sobre a nossa e outras hispano-americanas a vantagem de se oferecer ao leitor numa forma atraente e simpática, que já de si revela uma civilização adiantada. (1986. p.89).

Ao comentar os romances de César Duayen, pseudônimo da escritora Emma de la Barra, registra a existência de dez edições do romance *Stella* e onze de *Mecha Iturbe* e chama a atenção dos leitores brasileiros para algo bastante preocupante: “Não sei de romance ou outro livro brasileiro, a não ser algum compêndio didático, que tantas tenha tido. E mais nós temos, a crer as nossas patrióticas estatísticas, mais de 20 milhões de habitantes e os argentinos apenas cinco milhões.” (1986, p.91)

Mais preocupante ainda é sermos remetidos, pelas ponderações de José Veríssimo e Martín García Merou, ao ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, no qual Antonio Candido, em 1970, quase um século depois, refletindo sobre as condições materiais da existência da literatura na América Latina, aponta como fato básico do estado deplorável em que nos encontramos o analfabetismo a que se ligam outras manifestações de debilidade cultural como

(...) falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas. (CANDIDO, 1987. p.143).

E tudo indica que caminhamos muito pouco!

Sobre o Monroísmo, José Veríssimo, ao contrário de Araripe Júnior, que era um entusiasta, manifesta-se totalmente avesso principalmente à nova modalidade da doutrina, a wilsoniana, conforme se pode observar neste pequeno fragmento do texto “O monroísmo wilsoniano e a América Latina”, publicado, em 6 de junho de 1914, n’ *O Imparcial*, : “Com o desenvolvimento que à doutrina de Monroe está dando o presidente Wilson, arrogam-se os Estados Unidos a autoridade de fiscalizarem a política interna das nações americanas e de nela intervirem a fim de manter a ordem nessas nações.” (VERÍSSIMO, 1986, p.144)

Concluindo esta breve notícia sobre o instinto de americanidade no discurso crítico de José Veríssimo, convém refletir sobre a lucidez e o ceticismo do que registrou em 1914:

No Brasil, creio não enganar-me, não temos por via de regra nem “a ilusão americana”, no sentido do opúsculo de Eduardo Prado, nem no mais compreensivo de pan-americanismo integral. A América apenas começa a não nos ser de todo indiferente, como o foi até bem pouco. É ainda a Europa que principalmente, e com sobejas razões, nos interessa. (Veríssimo, 1986. p.145).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa de Machado de Assis* (Org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, 3 vv.
- [2] BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.

- [3] BERND, Zilá e CAMPOS, Maria do Carmo. *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- [4] CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e Outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- [5] LOPES, Hélio. *Letras de Minas e Outros ensaios* (Org. Alfredo Bosi) São Paulo: EDUSP, 1997.
- [6] VERÍSSIMO, José. *Homens e coisas estrangeiras: 1899-1908*. Rio de Janeiro: Topbooks/ABL, 2003.
- [7] VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906, 2a. ed. aum. de uma introd. e de um cap. novos.
- [8] \_\_\_\_\_. *Cultura, literatura e política na América Latina*. (Sel. e apres. João Alexandre Barbosa) São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ...

---

### **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Luiz Roberto CAIRO, Prof. Dr.**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Departamento de Literatura, Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Pesquisador CNPq e do CILBELC - Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Literários e Culturais.

E-mail: [lrcairo@femanet.com.br](mailto:lrcairo@femanet.com.br)